

**A CRIAÇÃO ROMANESCA POR MEIO DE PALIMPSESTOS EM *O NOME DA ROSA*, DE UMBERTO ECO**

Rodrigo Frausino da SILVA<sup>1</sup>  
Gerson Luiz ROANI<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma reflexão acerca da criação literária, mais especificamente sobre o texto romanesco intitulado *O nome da rosa*, do escritor italiano Umberto Eco. Os dados ocultos e a utilização do palimpsesto como forma de expressão literária geram constantes reflexões sobre a criação literária preocupada com a origem das informações. A análise mitológica será baseada nos estudos de Mircea Eliade, que traça com clareza as reflexões sobre o mito e suas relações com a realidade. O peso do argumento paradoxalmente acena para a leveza da linguagem apresentada em forma de palimpsestos. Ademais, o narrador, além de criticar e mostrar as mazelas da Igreja no período medieval, propõe a reflexão sobre a importância da preservação do acervo literário.

**Palavras-Chave:** Mito, Memória, Palimpsesto, História, Simulacro.

*Por trás de toda e qualquer ação, havia sempre um protesto,  
pois todo fazer significava sair para chegar a, ou mover algo  
para que ficasse aqui e não ali, ou entrar numa determinada casa  
em vez de entrar ou não entrar na casa ao lado,  
o que significava que em qualquer ato havia sempre a confissão  
de uma falha, de algo ainda não feito e que era possível fazer,  
o protesto tácito diante da contínua evidência de uma falha,  
da mesmice, da imbecilidade do presente.  
(Julio Cortázar)*

Na literatura ocidental, a presença do mito em sua origem grega vai além da relação íntima que ele tem com a ficção, ela auxilia na criação do romance na medida em que os mitos passam a significar a verdade sobre a qual se desenvolve o texto literário em questão. O caráter simbólico do mito pode ser experimentado como fonte de criação e inovação da escrita literária. As relações entre o mito e a ficção se encontram enquanto realidades antropológicas fundamentais que permeiam a originalidade. Criar ou recriar uma atmosfera histórica com

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários e Culturais, pelo Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa – MG - Brasil. E-mail: [rodrigofrausino@hotmail.com](mailto:rodrigofrausino@hotmail.com)

<sup>2</sup> Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa – Viçosa – MG - Brasil. E-mail: [gerson.roani@gmail.com](mailto:gerson.roani@gmail.com)

utilização de recursos ficcionais é antes um desafio do que um grande mérito na reconstrução da história da humanidade.

O mito é de fundamental importância nas possíveis encontros entre literatura e história. Existem obras em que os limites entre ficção e história se fundem na construção do conhecimento sobre o próprio homem. Reconstruir a história tem o peso da aventura e o respeito a outros olhares sobre a história, reconhecendo-a incompleta e passível de mudanças.

### **Outro olhar sobre a história**

O escritor italiano Umberto Eco, no romance intitulado *O nome da rosa*, publicado em 1980, propõe uma reflexão acerca da constituição do texto literário com base em informações, muitas das vezes encontradas ocultadas no texto, que conduzem a ficção para a reconstrução da imagem de fatos ocorridos no mosteiro de Melk, durante o período medieval. Se de um lado a obra ele reconta a história por meio de possíveis textos referentes à vida monástica do século XIV na Europa, de outro, ele recorre ao tema religioso para mostrar uma face da Igreja até então desconhecida ou ocultada, que influenciou a vida social, política e econômica do período em questão. As impressões do protagonista convergem em linguagem que valoriza o foco da imagem em suas diversas orientações. O texto vai além de mostrar as mazelas da Igreja no período e oferece ao leitor um diálogo que busca repensar a história e seus fatos pelo viés da literatura.

A obra mostra a construção do texto ficcional como simulacro da imagem de um texto sobre acontecimentos na Abadia de Melk, sob a luz das memórias do também religioso companheiro de Guilherme. Segundo o próprio texto, o pergaminho, tido como fonte, que contava a história, fora perdido e não encontrado em nenhum outro local, mas assemelhava-se a outros textos, como o de Vallet e de Mahillon, ou ainda a história de outra personagem, Adro. Guilherme era admirado por seu discípulo:

Assim era o meu mestre. Não só sabia ler no grande livro da natureza mas também do modo como os monges liam os livros da Escritura e pensavam através deles. Dote que, como veremos, havia de ser-lhe bastante útil nos dias que se seguiram. A sua explicação pareceu-me, além disso, naquele ponto tão óbvia que a humilhação de a não ter encontrado sozinho foi dominada pelo orgulho de dela compartilhar a partir de então, e quase me congratulei comigo mesmo pela minha agudeza. Tal é a força da verdade que, como o bem, se difunde por si. E se já louvado o santo nome de Nosso Senhor Jesus. Cristo por esta bela revelação que tive. (ECO, , p. 16)

A história era então uma espécie de remontagem de outras obras que indicavam a localização espaço-temporal da narrativa. Leyla Perrone-Moisés ainda considera que “a primeira condição para a intertextualidade é que as obras se dêem como inacabadas, isto é, que elas permitam e solicitem um prosseguimento” (PERRONE-MOISÉS, 1978, p. 72). Desta forma o texto é marcado pela incompletude, que sugere os vários significados que a literatura pode adquirir. É importante lembrar que a história é o relato de um monge. O olhar deste narrador que constroi a história. A personagem central, que também é narrador, conta as suas experiências, seus encantos e suas decepções, suas descobertas e o desejo dos outros.

### **Mito e construção**

Retomando o contexto que o “original” fora perdido, este episódio é romanceado na medida em que o texto recria um fato histórico se apoiando em dados ficcionais. Neste sentido, percebe-se a aproximação entre história e literatura por meios da memória ficcional do narrador onipresente no livro. A construção do texto é baseada em recursos que convergem na releitura sobre o mito. O mito em questão trata da questão da Igreja, da preservação da verdade por meio da omissão da mesma. Mais que isto, a verdade era escondida nas páginas do pergaminho.

Partindo do prólogo do texto de Umberto Eco, pode-se observar que o texto se trata da transcrição de outro texto que não se encontrava disponível em nenhuma biblioteca e que se assemelhava a outras histórias de outros autores. Desta forma, o autor de *O nome da rosa* cria um novo caminho para a concretização do livro. Nota-se que o texto trata de cópia de outros textos. Neste sentido, as memórias do narrador são resgatadas:

Para melhor compreender os acontecimentos em que me achei envolvido, talvez seja bom recordar quanto estava acontecendo no início daquele século, tal como o compreendi então, vivendo-o, e tal como o rememoro agora, enriquecido com outros relatos que depois ouvi-se acaso a minha memória está em condições de reatar os fios de tantos e tão confusos eventos (ECO, p. 07).

Leyla Perrone-Moisés afirma que “em todos os tempos, o texto literário surgiu relacionado com outros textos anteriores ou contemporâneos” (Perrone-Moisés, 1978, p. 59). Neste sentido, o texto de *O nome da rosa* deixa transparecer a preocupação do narrador de mostrar as diversas possibilidades de compreensão do texto literário. Mais que isto, a obra

propõe uma discussão sobre as relações míticas na realidade dos homens, por meio do texto literário mostrado como cópia (mesmo que imperfeita) das memórias que conseguiram sobreviver por meio da palavra.

Dos apontamentos feitos por Mircea Eliade em seu livro *Mito y realidad*, pode-se observar uma questionamento certo acerca da complexidade do mito:

*¿acaso es posible encontrar una definición única capaz de abarcar todos los tipos y funciones de los mitos en todas las sociedades, arcaicas y tradicionales? El mito es una realidad cultural extremadamente compleja, que puede abordarse e interpretarse em perspectivas múltiples y complementarias.* (ELIADE, 1991, p. 07)

O primeiro romance de Umberto Eco confirma o caráter inacabado tanto da história como da literatura, certamente à luz da deusa *Mnemosyne*. Mircea Eliade na obra *Mito y realidad*, também menciona a entidade: “*La diosa Mnemosyne, personificación de la «Memoria», hermana de Kronos y de Okeanos, es la madre de las Musas*” (ELIADE, 1991, p. 58). A deusa é origem tanto da literatura quanto da história.

A produção literária de *O nome da rosa* é arraigada de força mítica que encontra no romance os recursos necessários para a reflexão sobre as relações existentes o mito e a realidade. Nesse ambiente fantasmagórico é que se buscam as impressões do narrador sobre a história. O mito é posto em xeque no decorrer dos fatos narrados. Acerca da memória nas relações míticas, Eliade aponta que “*Gracias a la memoria primordial que puede recuperar, el poeta, inspirado por las Musas, accede a las realidades originarias*” (ELIADE, 1991, p. 59).

### **O caminho da ficção**

O narrador, a todo o momento, admira a sabedoria de Guilherme, a destreza deste ao vivenciar e a responder a situações corriqueiras tendo como base referências objetivas. Assim, a literatura se torna muito mais que policialesca e assume um caráter essencialmente investigativo. A investigação passa pelo elo da memória que criam ficcionalmente o espaço propício para o desenvolvimento do romance. Segundo Jacques Le Goff, “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE

GOFF, 1990, p. 426). As memórias vão se mostrando como palimpsestos que constroem o texto ficcional.

De acordo com Walter Benjamin, a memória “funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração” (Benjamin, 1994, p. 13). Umberto Eco propõe a recriação de fatos de um tempo passado, sob outra ótica. Segundo Raul Antelo, “o tempo é simples diferença ou diferimento através dos textos” (ANTELO, 1998, p. 67). Adso, que ao fim da vida, resolve narrar fatos que ocorreram na abadia de Melk traça novos vetores para a orientação das leituras feitas até então sobre o período da Baixa Idade Média. Ainda acerca do tempo, Mircea Eliade, no estudo intitulado *Mito y realidad* considera que a “*historia primordial, dramática y a veces incluso trágica, no sólo debe ser conocida, sino continuamente rememorada*” (ELIADE, 1991, p. 38).

A questão do palimpsesto toma forças a partir de um texto que só poderiam ser lidos a partir de lentes especiais. Guilherme desconfiava que havia ali alguma informação oculta. A noção das lentes tão bem trabalhada pelo autor coloca o leitor a procura de seus recursos para o entendimento do texto. São lentes disformes que modificam a imagem real das figuras nos textos em pergaminhos mencionados na obra.

As alusões aos aspectos religiosos permeiam todo o texto, inclusive com a divisão do texto de acordo com o horário estabelecido na ordem beneditina. A religiosidade é mostrada por Umberto Eco, dentre outras coisas, como fantasia e alegoria. As mortes, o adultério, as hierarquias, tudo deixava transparecer a contradição da Igreja que relutava consigo mesma e tinha em seu interior, como nos mosteiros, unidades de transgressão ao que se pregava. Em termos de *literatura comparada*, Coutinho considera que ela é: “um diálogo transcultural, calcado na aceitação das diferenças” (COUTINHO, 1996, p. 73).

A figura dos monges copistas traz consigo a imagem do homem submisso, mecanicamente destinado a transcrever símbolos que desconheciam. O livro mostra um caso raro em que um dos copistas também traduzia e conhecia textos que estava no mesmo pergaminho, mas disfarçados. O livro se torna peça fundamental no decorrer dos acontecimentos.

Os livros eram o maior tesouro da abadia. A biblioteca era restrita porque o acesso daria também poder. A mecânica de cópia dos livros da biblioteca estava por conta dos monges da função, que sabiam o porquê da presença de Guilherme e Adso:

Os monges já estavam a trabalhar. No scriptorium reinava o silêncio, mas não era o silêncio que se segue à paz operosa dos corações. Berengário, que nos tinha precedido havia pouco, acolheu-nos com embaraço. Os outros monges levantaram a cabeça do seu trabalho. Sabiam que estávamos ali para descobrir alguma coisa acerca de Venancio, e a própria direção dos seus olhares fixou a nossa atenção sobre um lugar vazio, sob uma janela que se abria para o interior do octógono central (ECO, 1980, p. 102).

Na tentativa de entendimento da morte enigmática de Venâncio, podia se encontrar outros elementos como o palimpsesto que se mostrava, mas que não se podia entender somente pela visão. Era necessário ter lentes disformes para a leitura dos traços mostrados pelo calor do fogo da chama:

Por baixo da mesa estava disposta uma prateleira baixa, onde estavam amontoadas folhas não encadernadas, e como eram todas em latim deduzi que eram as suas traduções mais recentes. Estavam escritas de modo apressado, não constituíam páginas de livro e deveriam ser confiadas depois a um copista e a um miniaturista. Por isso, dificilmente se podiam ler. (ECO, 1980, p. 103)

Segundo Tânia Franco Carvalhal, “as relações entre a literatura e as outras artes encontram no campo dos estudos semiológicos, nas relações que os sistemas signícos travam entre eles, novas possibilidades de compreensão para essas correspondências” (CARVALHAL, 2006, p. 49). O labirinto que é a biblioteca alude à mitologia grega. Assim como a rosa pode estar relacionada tanto à mulher quanto à própria simbologia dela, que sugere um mundo de possibilidades, no caso da interpretação de vários focos sobre um mesmo episódio. Adso representa a voz que ficara calada até então. O livro funde literatura e história mais pela natureza romanesca do que pela criação propícia para o desenvolvimento do romance.

### **Femininos: biblioteca e mulher**

A biblioteca, como já fora mencionado, foi descrita pelo monge Alinardo com aspectos enigmáticos do labirinto: “a biblioteca é um grande labirinto, sinal do labirinto do mundo. Entrás e não sabes se sairás. Não se devem violar as colunas de Hércules...” (ECO, p. 127). Diante deste pensamento, pode-se refletir a respeito do mito na obra de Umberto Eco partindo do princípio que diz respeito ao retorno de tudo ao mito e de sua recriação no texto

literário de *O nome da rosa*. Ainda acerca de considerações míticas no tempo reconstituído no romance de Umberto Eco, de acordo com Eliade, “*en la Edad Media asistimos a un sobresalto del pensamiento mítico. Todas las clases sociales se atribuyen tradiciones mitológicas propias*” (1991, p. 82).

Como já fora mencionado, o texto assume um caráter investigativo na tentativa de decifrar os enigmas deixados no pergaminho de Venâncio. Com perspicácia e certa dificuldade, Guilherme consegue fazer a leitura dos códigos. A restrição do acesso ao espaço da biblioteca remonta a ideia do segredo que os livros guardam com eles.

Segundo Julia Kristeva, “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (de textos) onde se lê, pelo menos, uma outra palavra (texto)” (KRISTEVA, 1974, p. 64). Quando Guilherme e Adso entram no scriptorium, procurando por possíveis pistas sobre as condições da vida que levaram Venâncio à morte, descobrem que o monge em decifrara e deixara códigos, ou seja, inscrições escondidas naquele texto que indica uma releitura que só é visível através do próprio texto:

Guilherme pousou a folha que tinha encontrado aos pés da mesa e aproximou o rosto. Pediu-me que lhe desse luz. Aproximei a candeia e distingui uma página em branco na primeira metade, e na segunda coberta de caracteres pequeníssimos cuja origem a custo reconheci. (ECO, 1980, p. 131).

Quando Guilherme e Adso fazer hipóteses para decifrar o enigma da biblioteca, o autor propõe o conhecimento interior e exterior para a decifração do enigma:

— Exatamente. Mas esquece agora a máquina. Pensar na máquina induziu-me a pensar nas leis naturais e nas leis do nosso pensamento. Eis a questão: temos de encontrar de fora um modo de descrever o Edifício como é por dentro...

— E como?

— Deixa-me pensar. Não deve ser assim tão difícil... (ECO, 1980, p. 174).

Por trás de todos os aspectos míticos, encontra-se também a figura da mulher. O relacionamento de Adso com a rapariga retorna ao narrador com questionamentos acerca do sexo – dúvidas que o narrador ‘confessa’ a Guilherme. Outro ponto é a chegada do cardeal do Poggetto, Bernardo Gui e os outros homens de Avinhão marcam o poder inquisitório da Igreja naquele tempo. O diálogo entre Guilherme e Alinardo mostra que o deus pregado pela Igreja pode ser capaz de esconder fatos.

O texto de Umberto Eco mostra a força religiosa na propagação daquilo que acredita como verdade, sem espaço para outros olhares, principalmente o olhar forasteiro do estrangeiro, nas palavras do monge Alinardo: “Mas Deus castiga, Deus apaga, Deus ofusca até as recordações. Muitos atos de orgulho foram cometidos na biblioteca. Especialmente desde que caiu na mão dos estrangeiros. Deus castiga ainda...” (ECO, 1980, p. 248).

Sobre a revelação do mistério, o texto de *O nome da rosa*, mostra o retorno mítico como forma de entendimento, como maneira propícia para a reflexão e produção de novos dados:

— Adso - disse Guilherme -, resolver um mistério não é a mesma coisa que deduzir de princípios primeiros. E não equivale sequer a recolher muitos dados particulares para depois inferir deles uma lei geral. (ECO, 1980, p. 248)

No livro de Umberto Eco, a reconstituição da história dos bibliotecários da Abadia de Melk instiga a procura do livro misterioso. Guilherme já havia percebido que as mortes inexplicáveis na abadia estavam diretamente relacionadas ao livro. O livro de Umberto Eco, assim como a própria noção de rosa, propõe a releitura de fatos históricos com base nas possíveis leituras que o texto pode adquirir por meio dos palimpsestos. A rosa, dentre outras sentidos, supõe uma sobreposição de pétalas, de camadas que formam um todo.

A preservação, mesmo que forma arbitrária, da biblioteca chama a atenção no sentido da preservação da memória por meio das palavras. Outro aspecto é a descoberta de um dado na releitura ou na leitura atenta do pergaminho. As outras opções de interpretação e tradução de um mesmo texto dependiam da curiosidade do monge. O labirinto remonta claramente um episódio da mitologia ocidental, que é o labirinto da personagem mitológica do Minotauro. O texto vai mais longe ainda, se se admitir a literatura mundial e a inclusão da epopeia de Gilgamesh. Nesta perspectiva, pode-se perceber a importância não só dos palimpsestos do pergaminho, mas da própria história. Neste viés, é claramente visível o encontro entre ficção e história. A remontagem de um determinado tempo histórico com base em dados ficcionais.

### **Do peso à leveza**

O livro de Umberto Eco intitulado *O nome da rosa* é uma mostra das possibilidades de interpretações de tantos outros textos literários. Muitas vezes, os textos originais não chegam em sua completude, mas somente aos pedaços e aos fragmentos. Neste sentido, Umberto Eco

propõe a literatura como forma de entendimento da vida. Segundo Walter Benjamin, “podemos dizer que os provérbios são ruínas de antigas narrativas, nas quais a moral da história abraça um acontecimento, como a hera abraça um muro” (BENJAMIN, 1994, p. 221). Neste sentido, o romance de Eco vai além de questionamentos sobre a Igreja no período medieval, ele remonta a história aos olhos de Adso e traz a literatura como fator de conhecimento do mundo e dos homens.

O enredo ora se agarra a história e ora cria um universo de incertezas sobre as potencialidades da criação ficcional. O espaço que fica em aberto não é um local vazio de informações, mas um pequeno universo de possibilidades pautadas nas interpretações diversas, ou de variados focos, do texto literário.

Muito mais que um recurso, o embate entre literatura e história na obra de Umberto Eco constituem uma adesão do romance histórico às formas centrais de criação. É como se ambas as características apontadas referentes à criação da obra fossem uma base que não se misturava somente nas extremidades, mas que se fundia na criação do espaço e do tempo de forma que alcance a mistura entre ficção e realidade como fruto histórico-ficcional do narrador. “*Como sería de esperar, es siempre la misma lucha contra el Tiempo, la misma esperanza de librarse del peso del «Tiempo muerto», del Tiempo que aplasta y que mata.*” (ELIADE, 1991, p. 90)

De forma sublimar, o texto de Eco, dividido em horas litúrgicas da vida monástica, traz o tema feminino muito intimamente ligado à leveza, o que faz lembrar os estudos sobre esta mesma questão de Ítalo Calvino. Apesar de a linguagem da obra parecer pesada, ela é um recurso que conduz o romance à leveza da arte por meio das palavras. Segundo Calvino, “o peso da pedra pode reverter em seu contrário” (CALVINO, 1990, p.17). Sob esta análise, pode-se perceber que o narrador percorre os caminhos da abadia, da fortaleza, pelos meios mais simples e seguindo o fio condutor que o leva às aventuras e aos dramas vivenciados.

O livro também traz questionamentos sobre o ato de pensar, sobre o peso do argumento no pseudo-limiar da linguagem. Calvino também aponta “a literatura como função existencial, a busca da leveza como reação ao peso de viver” (1990, p. 19). O peso da obra está na escrita que converge em leveza à medida em que os fatos passados são interpretados e revelados pelas personagens que se mostram no mosteiro de Melk. Adso e Guilherme

simbolizam a atitude de aceitar e respeitar os vários olhares que podem aparecer acerca de um mesmo episódio.

Os limites entre ficção e realidade geram os mesmos questionamentos sobre o encontro e limite entre literatura e história. A força mítica é mais uma realidade presente na recriação de fatos históricos, como o faz muito bem o escritor Umberto Eco. O texto literário se mostra como mais original e potencialmente dotado de originalidade do que nunca quando se tem contato com tão bem pautado e escrita literatura. O mito se torna assim uma fonte incessante de recriação das experiências pessoais por meio do texto. A memória é o recurso mais eficaz na tentativa de visualização da história no campo ficcional.

**AGRADECIMENTOS:** Ao Prof. Gerson Luiz Roani e à Prof<sup>a</sup> Gracia Regina Gonçalves, pela confiança. A Joaquina Francisca de Souza Silva e Pablo Régis da Silva, pela motivação e paciência respectivamente.

***The creation of novel through palimpsests in The name of rose, by Umberto Eco***

**Abstract:** *This work proposes a reflection about Literature, more specifically on the novel text O nome da rosa, by Italian writer Umberto Eco. The hidden information and the use of palimpsests as form of literary expression begin a common reflection on literary creation concerned with origin of data. The mythological analysis is based in studies of Mircea Eliade, it can give the reflections about myth and its relationship with reality. The weight of the argument points, in a paradoxal thought, to the lightness of language that it's presented in form of palimpsests. Moreover, the narrator while criticizing and he shows t wounds of the Church in the medieval period he also proposes a reflection on the importance of preserving the collection of books.*

**Key words:** *Myth, Memory, Palimpsest, History, Simulacrum.*

**Referências**

ANTELO, Raul. *Os contextos da tradição universal*. Revista Brasileira de literatura comparada. Florianópolis: ABRALIC, n. 4, v. 1, p61-73, 1998.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Lições Americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

ELIADE, Mircea. *Mito y realidade*. Barcelona: Editorial Labor, 1991.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Texto, crítica, escritura*. Ensaios: Ed. Ática: São Paulo, 1978.